PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 10
ANO 2
JANEIRO/2020

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Vamos falar francamente? – a pergunta é a pior forma de abordar um escritor. A literatura não fala de nada com sinceridade. Nem tem o compromisso de retratar com fidelidade nenhum fato por mais prosaico que seja. Já foi o tempo em que se buscava a fidedignidade na pintura, na escultura, na fotografia. Que se digam realistas. Mesmo eles não tratam da realidade sem simulação. Aliás, o ultrarrealismo contemporâneo é uma blague à obsessão de gerações anteriores cujo afã era congelar um instante, uma paisagem ou perfil humano. Não é por outra razão que o moderno surrealismo subverte a lógica positiva que se desdobrou do racionalismo radical. No fundo, fôssemos racionais não nos mataríamos com tanta naturalidade.

Se é certo que a arte superou a pauta documental pela qual esperava-se dela uma mera reprodução da realidade, por que buscar o verossímil no texto literário? Por que os críticos insistem em decompor a obra em tantas partes quanto possíveis, fissurando palavras como átomos? Por que os estudiosos querem bancar os legistas do romance?, os taxidermistas da poesia? Não seria melhor tratar a arte como arte e manter a estranheza que a caracteriza? Não seria mais lógico pensar nas reações do/no leitor como efeitos da estratégia do texto? Talvez mais gente se dedicasse à arte se, na escola, não fosse questionada com tanta dureza – o que você entendeu?, o que o texto revela?, qual a sua conclusão? Por que os professores não trocam todas essas perguntas para a que mais interessa – o que você sentiu?

O entendimento da arte é a frustração do sentimento. Racionalizar a expressão artística impõe léguas de distanciamento com o público, reservando uma espécie de sala vip para os críticos. Se abdicássemos do velho cartesianismo que impôs uma camisa de força na universidade, talvez sobrasse mais tempo para encontrar outra linguagem capaz de tratar da fruição literária. No entanto, faz parte de uma cruel ortopedia acadêmica a necessidade de encontrar referenciais teóricos. Permite-se analisar por vários ângulos – o estruturalista, o mitológico, o psicológico, o historicista etc – desde de que o crítico responda aos clichês: quais as referências do autor?, o que acrescenta à tradição?, quais as técnicas utilizadas?, e tantas outras que compõem esse formulário criptografado.

Na edição atual da Revista Literária Pixé, temos um artista que pinta flores. Só pinta flores. Flores e mais flores, de todos os formatos, em todos os matizes. Serão realmente flores? O que elas significam? Não vamos ceder à tentação de racionalizar o impacto do traço moderno de Oscar Araripe. Poderíamos levar o leitor a considerar um paralelo técnico com Matisse ou a provocação de Mondrian, o que não iria contribuir em nada para o prazer da obra. É no gozo que devemos nos concentrar, não na pretensão de verdade ou na racionalização que elitiza o meio cultural. O mais recomendado seria perceber a arte como comunhão tribal: artistas que se aglutinam em torno de uma proposta estética e público que se espanta, rejeita ou admira.

A literatura anda chata. A explicitação de referências é uma tendência insuportavelmente pedante. Quanto mais explícito fica a intenção do escritor, pior é o texto. Reduz-se o que é artístico ao puramente racional, sujeitando o artista a denunciar o seu lugar no jogo de esconde-esconde. Que porre! A revelação da mágica torna o espetáculo tedioso, pronto para uma análise técnica. A menos que, da revelação, surja outra mágica, outra estranheza parcialmente inexplicável. Estamos nesse caminho? É difícil afirmar. Por enquanto, a preocupação contemporânea com questões distantes do prazer é a tônica da literatura. Pode ser que, algum dia, haja prazer no desprazer. Até alcançarmos a estética e a técnica para ocultar o que está revelado, esse tipo de arte não passa de um púlpito. Um chato e arrogante púlpito.

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Aclyse Mattos
8 Caio Augusto Ribeiro
10 Dante Gatto
12 Eduardo Mahon
14 Felipe Rodolfo de Carvalho
16 Gabriel de Mattos
18 Helena Werneck
20 Iael Aguirre
22 Klaus Henrique
24 Leni Zilioto
26 Lívia Bertges
28 Lorenzo Falcão
30 **Oscar Araripe**
36 Marília Beatriz
38 Lucas Lemos
40 Lucinda Nogueira Persona
42 Marilza Ribeiro
44 Marli Walker
46 Matheus Barreto
48 Pablo Rezende
50 Raí Prado Morgado
52 Raquel Naveira
54 Ricardo Carranza
56 Rodrigo Meloni
58 Stéfanie Sande
60 Edson Flávio
62 Anna Maria Ribeiro

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Anna Maria Ribeiro, Caio Augusto Ribeiro, Dante Gatto, Eduardo Mahon, Felipe Rodolfo de Carvalho, Gabriel de Mattos, Helena Werneck, Iael Aguirre, Klaus Henrique, Leni Zilioto, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucinda Nogueira Persona, Marília Beatriz, Marilza Ribeiro, Marli Walker, Matheus Barreto, Pablo Rezende, Raí Prado Morgado, Raquel Naveira, Ricardo Carranza, Rodrigo Meloni, Stéfanie Sande
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Oscar Araripe

UMA THURMAN EM UBATUBA

Poema calúnia social

A meu amigo Lorenzo Falcão

Uma turma
- quase turba –
no verão
das águas turvas
decidiu
passar as férias:
litoral
de Ubatuba.

Pois não é
-grande surpresa,
já que o mar
não é represa –
que desponta
- ó visão turva:
Uma Thurman
em Ubatuba!

Que faria
a musa ali
num biquíni
cor caqui?
Está solta?
Acompanhada?
Do marido?
Ou da cunhada?
Imagina
xas turmada.

Se Brigitte
esteve em Búzios,
para não
ficar confusos
decidiu-se
toda turma
ir falar
com a bela Thurman.

Mal trocou-se
uma palavra
- uma ao menos
bela Uma! –
Mas quando ela
abre um sorriso,
espoca um flash,
era um aviso!
Era um filme?
Ou era um sonho
contra os dias
enfadonhos?

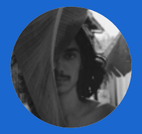
E que linda
- sol e ouro,
olhos d'águas,
corpo em fogo!
Mas que flash?
Mas que jogo?
Mas acorda
e era um logro!

Mamãe força
a fechadura
(o que é bom
será perdura?)
Uma Thurman
em Ubatuba
não passou
de uma aventura!
Acorda,
a vida continua.
Vê, respeita
o não perturba.

Aclyse Mattos
É escritor e poeta. Flor de metal foi escrita no Rio de Janeiro na época em que o Peça Original ensaiava na Ilha do Governador para tocar no Planetário e sobre a noite esfumaçada na Avenida Brasil a lua quicava sobre os prédios ao sabor das curvas. Livros recentes: O Sexofonista (contos), Sabiapoca (infantil) e Festa (poesia).

o caminho
o caminhante
fundem-se
no instante em
vestígios de passos em rastros
de luz

e neste exato momento
em que trajeto se traduz
em passos
e os passos
se traduzem
em séculos
caminho e caminhante
são um só
sopro
e um
rastro de
luz
entre o cerrado
verde
que se ergue
e não se encerra
nunca.



Caio Augusto Ribeiro
É ator e diretor inscrito pelo DRT 0000651\MT. Começou os trabalhos como ator em 2009. Autor do livro "Porão da Alma" (clube de autores), Colecionador De Tempestades (Carlini&Caniato) e Manifesto da Manifesta (Carlini&Caniato), diretor do curta-metragem Réquiem Para Flores (2017). Fundador do coletivo de artes hibridas Coma A Fronteira. Atualmente desenvolve trabalhos levando poesias e processos criativos para as escolas e faculdades. Realiza oficinas voltadas para produção poética, arte urbana e teatro. Mas no fundo, prefere passar o dia no jardim olhando folhas e formigas.

Dante Gatto
Natural de São Paulo-SP, professor aposentado da UFMT e da UNEMAT, colaborador do Programa de Pós-graduação de Estudos Literários. Escreveu e acompanhou a montagem de seis peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo - adaptação* (1995); Retorno ao futuro: a semana de 22 (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). A peça *A noite dentro da noite*, em 1990, recebeu o Prêmio "Textos inéditos do interior. Ano 90" do Projeto "Oswald de Andrade de Dramaturgia", promovido pela Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo. Publicou três livros de poemas: Poesias (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) *e A Ferida e outros poemas* (2015). Publicou vários prefácios e poemas premiados em diversos concursos literários.

UM ABRAÇO ANTES DE MORRER

Resolvi respirar da turba de jovens e sai para a calçada. Não sei o que fazer, na minha idade, em evento de jovens. Ainda me convidam por conta de anos no magistério superior. Ela estava ali com um sorriso aberto que me magnetizou. Comprimentos, comentários sobre o tempo, a lua, a rua...

– "Ninguém se torna vegano impunemente", desferiu a mocinha a certa altura da nossa conversa, sem que eu soubesse como a conversa seguiu para aquele assunto. Que bonitinha, pensei comigo.

– "Parei de fumar, também", acrescentou ela. Perguntei-lhe se fumar comprometia a condição vegana.

– "Não, necessariamente. Eu acho que acaba sendo uma consequência".

Ela sorriu. Era a coisa mais linda de se ver. Há poucos metros de nós estava a sua galera, como dizem, conversando alegremente, mas ela ficou ali, sorrindo para mim.

– "Um dia, ao cortar um bife, senti um tremor nas mãos e a carne me desceu amarga". Enquanto falava ela olhava as duas mãos que levou a altura do rosto. Trazia uma bolsa de pano branco a tiracolo. Coisa muito simples.

– "Minha mãe percebeu e não me obrigou mais a comer carne. Depois foram os outros produtos de origem animal que eu me livrei: o ovo, o leite, o queijo, o mel..."

– "Mas você está muito magra", rebati, mas ela pareceu ignorar o meu comentário. De fato não estava magra. Era perfeita. Parecia totalmente envolvida em me convencer. Só tinha olhos para mim. Pensei comigo: "vai dar certo".

– "Foi pouco depois daquela época, eu tinha doze anos, que me deu vontade de sofrer". Risos. "Toda oportunidade que me aparecia ia ver os animais em sítios e fazendas, porcos, vacas... e tentava contato com eles. Impulso irresistível de abraça-los. Por vezes, quando possível abraçava mesmo. Tentava não chamar a atenção das pessoas, porque chorava muito por vê-los ali escravizados, sendo torturados e aguardando a inevitável morte".

– "Nossa, que exagero".

– "Pois é", continuou ela, "percebi minha solidão e me acostumei a ela, afinal sentia que era uma causa maior".

Quando ela disse a última frase tive um impulso indistinto de lembrança. Talvez já a conhecesse. Era preciso, pois, resistir a uma investida mais impetuosa.

– "Aos poucos, fui encontrando quem partilhasse os mesmos ideais e a utopia se revelou esperança".

Novamente, a impressão que já a conhecia. Fiquei estudando, mesmo assim, uma maneira de concretizar a aproximação. Era tudo o que me interessava. E sem que eu esperasse, ela me abraçou. Percebi que não precisaria adiantar nada, nem carregar a culpa de seduzir alguém pouco mais que uma adolescente. Parecia tão segura, tão consciente. Ela se afastou um pouco, segurou as minhas mãos, tinha uma fugidia lágrima no rosto.

– "Apareça lá em casa. Faz exatos dez anos que você nunca mais nos visitou".

Exatamente, neste momento, que recuperava a lembrança, estacionou ao nosso lado um carro branco e saiu dele um velho amigo que, de fato, há muito tempo eu não visitava. A jovem vegana era sua filha. Eu praticamente a vi nascer e acompanhei o crescimento, pelo menos, nos seus dez primeiros anos de vida. Ele desceu do carro e reforçou o convite para visita-lo.

Fiquei ali um tempinho, vendo o carro dobrar a esquina. Conforto inexplicável.

Eduardo Mahon
42, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS BRASILEIROS

Caríssimos seguidores e simpatizantes,

Tirei um tempo para escrever essa cartinha, aproveitando que o meu aniversário está chegando. Antes de tudo, devo dizer que não autorizei nenhuma biografia e que reputo como ilegal a publicação de bíblias e folhetos distribuídos em missas e cultos. O Roberto Carlos conseguiu vetar a distribuição de um livro que contava a história de como ele ficou sem a perna, mas Eu não tenho o mesmo tempo que ele. Sou favorável à campanha "Procure Saber" que a Paula Lavigne comanda, muito embora Eu não goste da nova fase do Caetano Veloso, mas isso é outro assunto.

Quero dizer que amei o especial de Natal da turma do "Porta dos Fundos". O pessoal é muito animado. Maomé rolou de rir no meio das 72 virgens. Não é pra menos, né? Todos os avatares do Pai também amaram. Com exceção de Buda – aquele sujeito sem nenhum senso de humor – todo mundo aqui no Céu roeu as unhas na pré-estreia. É óbvio que Eu já conhecia o filme antes mesmo dele ser feito e, por isso, liberei geral. Ficou Uó! Tenho poucas críticas a fazer. Uma delas é ao figurino do Fábio Porchat.

Falta brilho no manto do Porchat! Pelo amor de Mim! A produção poderia ter colocado por cima uma seda chinesa, um chiffon turco ou, no mínimo, um algodão egípcio. Estou passada! O Tinhoso só usa algodão egípcio 1.500 fios, daqueles que a gente encontra na casa dos Ministros do STF. Nada contra o veludo cotelê vermelho, mas pouca gente sabe que o Inimigo odeia o vermelho. Muito óbvia! Com aquela mania de Me imitar, o Capeta só usa branco. No máximo, azul bebê. Paciência. Aguento essas péssimas imitações há dois mil anos. Tem muito pastor falando em meu nome. Esse povo que é ex-ladrão, ex-traficante, ex-assassino, ex-gay e se converte... Cala-te boca!

Pelo menos, no especial de Natal, o Gregório Duvivier não tem olhos claros. Ficou mais real. Taí, gostei! Cansaram de me pintar branquinho de olhos azuis. Já viram algum judeu assim? Jamais. Mamãe era puro-sangue, tinha o nariz adunco e sobrancelhas grossas. Um escândalo de mulher! Parece que voltou com tudo sobrancelhas grossas, hein? É o que Eu sempre digo aqui no Céu: o Pai precisa variar de vez em quando. Por isso, ele manda essa porção de mensageiros para ver se a turma se toca. Patriarcado? Oi?! Vira o disco, bicha! Já mandamos a Madre Teresa de Calcutá e a Irmã Dulce e nem os politicamente corretos conseguiram mudar a humanidade. Vira a página!

Além do manto, o problema do filme está nas sandálias. Im-per-do-á-vel! Uma simples pesquisa de produção resolveria esse erro. Gente, o Google está aí pra quê?! Na época, Eu usava umas sandálias da Galileia. Tamanho 38, bico fino. Elas vinham com couro trançado até o joelho. Causavam! Infelizmente, ninguém produz hoje em dia porque é ecologicamente incorreta. Sem os chatos do Greenpeace, Eu e meus discípulos abusávamos. Na trouxa, a gente levava dois pares: um de cânhamo nude para usar no dia a dia e outra de couro de cabra marrom-chocolate, para eventos especiais como aquela entrada em Jerusalém, um arraso. Não foi a glória? Bafo!

Bem, era isso. O filme é ótimo. Recomendo! Um errinho aqui e outro ali, mas nenhum pecado mortal. Já estava de saco cheio de ver Os Dez Mandamentos. Dia desses, rolou um filme do Edir Macedo que francamente! Bom, mas não serei Eu a bancar o crítico. Aqui no céu, nunca entrou esses tipos. Está cheio de artistas. Para eles, a diária celeste é *all inclusive*! Pedro é doido. Ele pira na batatinha. Deixou entrar até aquele sujeito estranho, o Marcel Duchamp. Onde passa um boi, passa uma boiada. Quem pinta o sete na Terra, sobe pra cá. Crítico não, Eu proíbo! Uma hora dessas, a Bárbara Heliodora está ardendo no mármore do inferno, junto com aquele comunista do Antônio Cândido.

Fico por aqui, desejando um Happy Birthday to Me! Vocês poderiam parar com a polêmica idiota nas redes sociais e tirar uns trocados do bolso para dar comida a quem precisa. Alô?! Se toquem! Parem de pagar dízimo e comecem a fazer o bem. Xô, intermediários! Gente, agora tem Amazon, tem Uber, tem iFood. Até o Habbib's não paga mais entregador. Dispensar o sacerdote é tudo de bom. Fica mais em conta. Juro! Fala amém, gente!

Vou indo. Me sigam!

Estou no Insta, no Face, no Twitter, ok?

No Tinder, a minha conta é outra, abafa o caso!

Fiquem Comigo,

Yeshua

(Eu aderi ao novo acordo ortográfico da língua portuguesa. Passei a usar Jesus Nazareno. É mais fácil e comunica melhor)

UM CONTO DE RÉU

— Me conta? Um segredo...

Há fomes demasiadas neste mundo.

Disse a mim que não gostava de comer. Espantei-me, naturalmente. Eu..., que talvez nem goste tanto assim, que no entretanto como e acho bom, não pensei que comida pudesse desgostar alguém. Minha avó também não gosta de comer. Pois que o gosto enjoa, então dorme. Dorme porque perdeu o gosto. Não necessariamente porque desgosta. O desgosto sói quando o gosto dói. A moleca não come porque gosta. Não há gosto para tudo. Os meses são de agosto. Coisas augustas porém apetecem o humano. Não basta ser bom. Há de ser gostoso. Ah! Como ela gosta... Carece. O gosto tem um quê de gozo.

— Me conta? Um segredo...

Um por vez. É assim que me solicita. Sem esbanjamento. O alimento é farto. Mas não o devora. Quantos segredos terei reservado? Coisas azuladas não (se) estocam. E por isso nem tudo é dinheiro. Que cúmulo é a acumulação. Segredos pululam... Hoje mesmo contam em mim um não sei quantos. Amanhã perderei a conta. Estou empanturrado. Não me aguento em segredos. Se-gre-da-do. Conquanto eu os precise contar, é ela quem me pede contas. Merecendo um banquete, seu desejo é todavia frugal. Com tanto que tenho a contar, roga somente por um conto de réu.

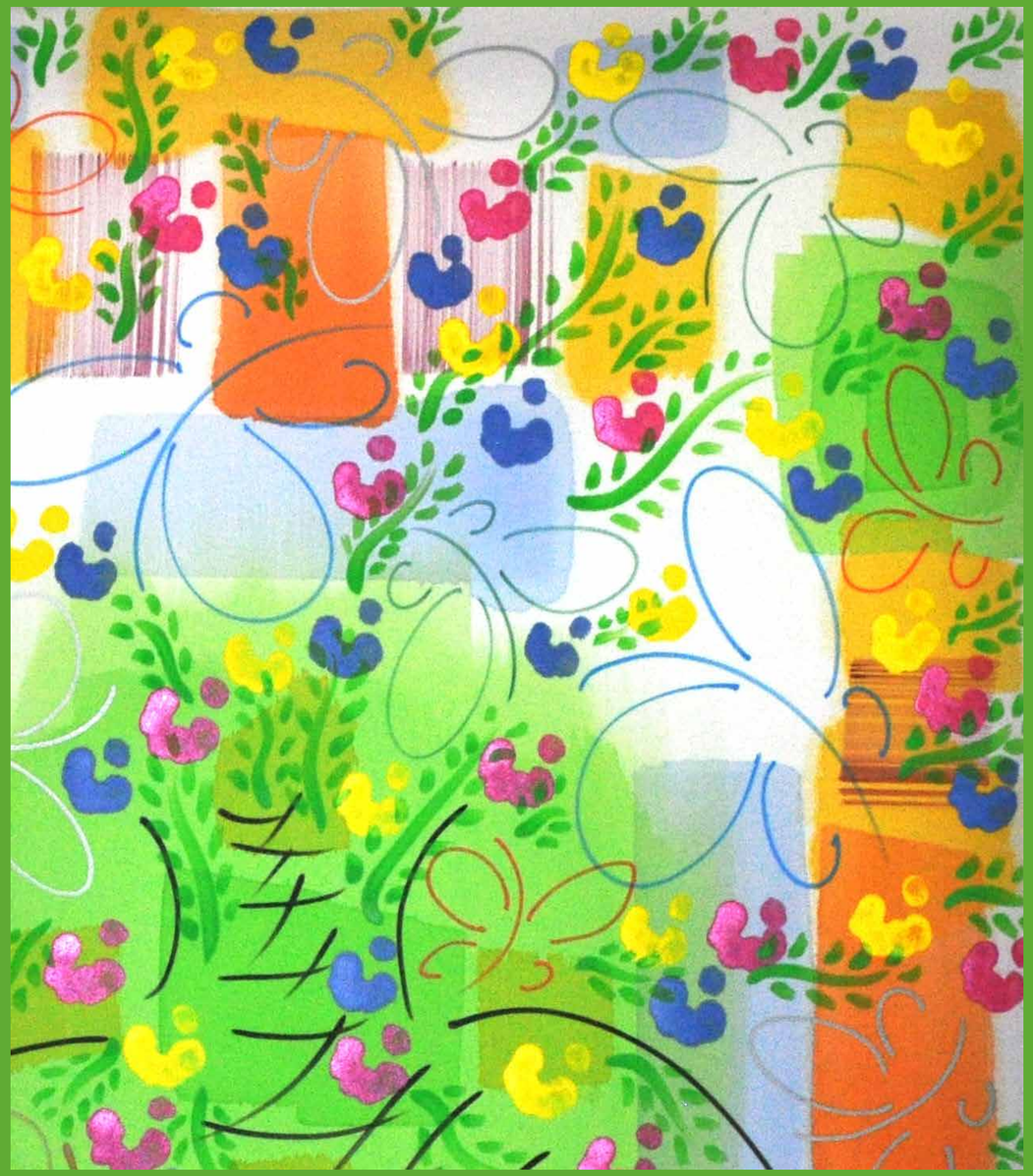
— Me conta? Um segredo...

Um segredo sobre mim. Um segredo sobre nós. Um segredo. Quase sempre sem especificação. Ela só precisa deste carburante vital. E se o conto é porque eu já perdi a conta de mim mesmo. Enquanto me segredo, perco o meu próprio segredo que agora não existe mais, ou que só existia na intenção de um nós. Enquanto o meu segredo deixa de existir na intimidade do meu eu, o meu segredo abandona o seu caráter secreto e adquire uma dimensão de fé. Torna-se confidência. O meu segredo é seu. Sou seu. Réu. Confesso. Estou acreditado. Há-Deus.

— Me conta? Um segredo... Para eu dormir.

Como deglutir o pão pode ser doído, este alento é necessário. O chegar da noite traz consigo o seu pedido. Um apenas. Segredo. Refeição diária. Jejuada, a fome, que não se mata, retorna. Depois desanda a dormir. Dorme? Aquando dorme? Dorme... De barriga cheia, a moleca dorme em paz. Quero assoprar o seu ventre e sentir as nossas cócegas.

Felipe Rodolfo de Carvalho
É doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela USP. Além de Professor da UFMT, é Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Como escritor, transita entre a Filosofia, o Direito e a Literatura.



Gabriel de Mattos
É contista, romancista, quadrinista, arquiteto e professor universitário; Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea com um estudo sobre o Imaginário de Cuiabá. *Boris em Cérberus* faz parte do *Universo da Sela de Einstein*, série iniciada pelo conto *Canção*, vencedor do Concurso Internacional de Contos de Ficção Científica Vicente Cardoso de 2011.

BORIS EM CÉRBERUS

Não havia muito a ser observado no horizonte de Cérberus. A falta de luminosidade daquele ponto do universo deixava as pequenas elevações do planetóide visíveis apenas como uma pequena variação de cor. Um grande nada.

O que fazia a alegria de Boris 9tevitch.

Aquele ponto era um dos mais próximos da Borda da Sela de Einstein, o final do universo fluido e o início do universo denso. O desafio. O impenetrável.

Até agora.

Boris sorriu. As poucas pessoas que chegavam a Cérberus, ao se depararem com ele, faziam uma cara de quem via um fantasma. De certa maneira Boris 9tevitch era um fantasma. E o mais estranho era o fato de continuar a sê-lo, de continuar sendo visto com assombro por qualquer um que chegasse ao planetóide.

Mas, de fato, qualquer pessoa que chegasse a Cérberus, que passasse pelas provações que a viagem (com estilingues de duração longa e alcances praticamente incalculáveis) exigia dos organismos e das capacidades de assimilação psicológica; qualquer pessoa que concordasse em fazer esse tipo de caminho, não estava muito disposto a voltar às proximidades da Terra para simplesmente contar o que tinha encontrado.

Elas *entendiam* Boris. E ele as entendia. Ele não participara da Resolução Final da tecnologia do estilingue por fama, reconhecimento ou mesmo dinheiro. Ele queria chegar ali, na Borda da Sela. E contemplar o fim, a Densidade. Elas também queriam alguma coisa que não entendiam, algo que talvez a incapacidade de intelecção dos números complexos não as tivesse preparado. Mas o horizonte de Cérberus era a Imagem definitiva. Deixava de ser abstrata, deixava de ser complexa.

As pessoas choravam quando chegavam ali. Não dava para se ter uma idéia daquele horizonte de forma antecipada porque o último estilingue praticamente deixava o glóbulo ou a megaesfera no ponto de aterrissagem. Só depois que os passageiros desciam da nave é que podiam ter a verdadeira dimensão do início do universo denso.

Dizia a lenda que Boris 9tevitch não chorara quando chegara a Cérberus. A verdade é que Boris caíra num pranto convulsivo quando terminou os últimos cálculos da Revisão Final. A elegância e a inelutabilidade daqueles números deixavam muito pouco para ser inferido. O fim, pela primeira vez, era visível.

Mesmo assim Boris continuava a olhar embevecido o horizonte de Cérberus.

Na verdade, ele procurava uma Brecha.

Era possível. Ainda incalculável, mas possível. Por isso Boris trouxera Neno 89vlad. E Terezza 56.

Claro, um sem o outro seria desperdício. Os dois formavam aquele tipo de dupla muito comum (mas de difícil reunião) nos meios da pesquisa pura. Neno 89vlad pensava, esboçava as idéias num nível hermético, numa nuvem transitória de teorias e algoritmos. Nessa aparentemente impenetrável barafunda começava o trabalho de Terezza 56. Numa mesa mais desorganizada que a de Neno 89vlad, com um número mais caótico de papéis de vários tamanhos (desde bilhetinhos até fitas de impressora larga), com um eterno cigarro aceso no canto da boca, ela transformava os pedaços de profunda matemática em textos disciplinados e de uma elegante poesia esclarecedora.

Boris já se sentira intimidado por aquela parceria demiúrgica no tempo do Departamento de Matemática de Princeton, ele ainda na flor da genialidade dos 21 anos. E parecia não ter muita diferença entre aquelas mesas de carvalho escuro de New Jersey, e os de aço escovado em Cérberus. Era estranha aquela parceria apenas profissional, que evitava até mesmo palavras. A única coisa que Terezza 56 reclamava era quando Neno 89vlad continuava a escrever suas garatujas apesar da tinta da caneta já estar praticamente invisível. E terminado o período de trabalho, invariavelmente 12 horas por dia, os dois simplesmente deixavam o que estavam fazendo para se dedicar a lazeres também díspares: Neno gostava de beber cerveja no bar da faculdade, contando e ouvindo piadas pesadas e politicamente incorretas, Terezza cultivava um pequeno jardim e continuava dedilhando o computador, agora navegando nas redes sociais.

O que chocava Boris era justamente a falta de senso dos dois em relação às consequências do trabalho deles. A abertura da Resolução Final devia grande parte do seu êxito a eles, e isso não parecia ter afetado o cotidiano ou os horizontes da dupla. Agora, a descoberta da Brecha poderia acabar com grande parte da Cultura Ocidental, pelo menos certos preconceitos que faziam o deleite das piadas preferidas de Neno 89vlad, e isso não parecia afetá-lo.

Boris sorriu para o eterno crepúsculo de Cérberus. Afinal, quem era ele para questionar o destino de outras pessoas. Ele que deixara a Edros no momento em que as primeiras megaesferas entravam em linha comercial. Ele que transformara sua participação na empresa em uma subseção de pesquisa, fincada discretamente naquele planetóide.

Para procurar o que? Nem bem procurar. A descoberta da Resolução Final lhe proporcionara a euforia merecida e desejada. Mas também chegara aos 25 anos, e nesse ponto os números começam a se mostrar tremendamente ariscos, a se fechar. “Como uma jovem fogosa que precisa de um macho em sua plenitude”. Fora Neno 89vlad quem utilizara essa metáfora?

ESTRANHO SERIA SE

É estranho porque
Eu sei que tem coisas que se eu falar
Só você entende
E só você vai achar graça
E é estranho
Porque eu sinto saudade
Sendo que eu te vi ontem
É estranho porque
Se eu pudesse me teletransportar
Pro seu peito
Eu já o teria feito
Se eu pudesse ser os seus braços
Que podem te abraçar toda hora
Eu me trocava agora
Sem nem pestanejar
Como tudo isso é estranho
Que eu gosto mais da sua comida
Que eu vivi sem toda vida
Do seu cheiro de creme de fruta
Da sua forte e singela conduta
Do jeito que você chora
E do jeito que você ri
Eu só sei escrever sobre ti
Só isso que não soa estranho
E também não soa estranho
Meu coração que te ama
Ele sabe que não se engana
Que você me ama também

Helena Werneck
Cuiabana, formada em Secretariado no IFMT, e vencedora do prêmio de literatura de Mato Grosso de 2017 categoria revelação com a obra de título "Nu".

PAU-BRASIL

Olho pro país e vejo
Com olhos molhados de percevejo
Uma dor tão lancinante
Tão feia e tão sufocante
Pairando na fumaça escura
Parece que não tem mais cura
Pra essa tal de humanidade
Tem mais gente morando na rua
Do que nos prédios da cidade
Tem mais gente se vendendo, nua
Do que falando a verdade
Tem mais gente vendendo a lua
Pra poder ter liberdade
De que vale minha palavra?
De que valem nossas vidas?
Esse chão que você lavra
Pagarão as suas dívidas?
E quanto a tantas dúvidas?
E quanto a tanta injustiça?
Que papel faz o ministro
Pra que então serve a justiça?
Quanto ódio nesse enredo
Que ameaça desde de cedo
Não existe mais paladar
Não sei se é doce ou azedo
É salgada com certeza
A minha lágrima de medo
E que mande outro dilúvio
Faça chuva então São Pedro
Alaga toda essa terra
Apaga todo esse incêndio
E faz outra vez o Brasil
Um que não haja dispêndio
E em vez de português
Todo mundo nasce índio

PÉ D'ÁGUA FUNESTO

etéreas gotas do ipê divino
que nos respingos estrelam o chão,
caem no acaso, do choro das aves
acompanhados da ribomba do pai-trovão

águas que caem e afagam
virgens, verdes, matas do então;
chuva que vem e afoga
o corpo-seco, e o caixão

na gibosa da lúgubre boiuna
cobra-grande que açoita o leito do rio,
se agarram, os embargados, às escamas
com sede do acalento brio

tempo bom.

Iael Aguirre
17, é estudante do Centro Educacional Anália Franco, em Cáceres. Oscilando entre o mais dócil mel e mais ferrenha tortura, como o resto da humanidade, o jovem poeta Iael Aguirre descobriu na veia poética uma excelente ferramenta terapêutica para dialogar com os próprios diabos, tal diálogo proveniente de leituras literárias e pesquisas escolares, sendo a mais recente, estudos acerca da marginalização do meio artístico em sua cidade natal, sendo esta Cáceres-MT. Menino de muitas leituras e escritas, desde muito cedo embrenhava-se pelo gosto dos livros, sendo muito observado e incentivado em seu âmbito escolar pelas suas professoras de Linguagens, sendo as mesmas com o olhar sensível e atento, deu a este menino incentivos para se aproveitar da poesia, como leituras e tessituras como uma forma de acalentar suas inquietações.

A DERRADEIRA GARRAFA

O último gole trouxe a dor da morte. A dor queimou meu ventre e expeli sangue pela boca e pelo ânus. Toda minha alma escorria enquanto eu tombava inerte na mesa do bar. O último gole de cerveja queimou feito lava, e a bebida, por fim, me liquidou.

Vi-me através dos olhos de uma bela moça, marejados por acabar de testemunhar a morte de um homem de cabelos grisalhos. Dos olhos de um rapaz, em outro ponto do bar, vi a moça vomitando. Dos olhos de outro desconhecido, vi meus amigos garçons tentando socorrer-me em meio àquela poça de sangue que se formava à minha volta. Ouvi gritos, com ouvidos de alguém que também não conheço. Com os olhos do gato Tarantino, vi toda a movimentação quando os bombeiros chegaram e me levaram. Com os olhos do motorista da ambulância, vi no retrovisor a fachada do bar que frequentei assiduamente por décadas. Com esses mesmos olhos, vi as lágrimas nos olhos de um jovem enfermeiro que presenciava a primeira morte em sua vida profissional. Com os olhos e ouvidos do legista, testemunhei o zíper de um saco preto ser fechado e envolver meu velho corpo, feito um casulo. Nos olhos do coveiro não havia lágrimas enquanto sua pá despejava terra no caixão que abrigava meu corpo. Ele estava indiferente a mim, assim como a maioria das pessoas que conheci em vida.

Permaneço fiel ao bar. Estou lá naquela mesma mesa, bebericando sozinho. Isso não foi problema em vida e, da mesma forma, não o é agora. Os garçons são desconhecidos nesta vida. O *habitués* da minha época se foram há alguns anos. Durante muito tempo, minha única companhia ali naquela mesa foi o gato Tarantino, que sabia da minha presença e também depois, ao fantasma, não se fez arredio. Ao contrário de mim, ele envelheceu e morreu dormindo, sem dores. Fruto de uma das tantas proles que Tarantino teve, Jack, que pertence ao novo dono do bar, também aprecia a minha companhia. Dizem que os gatos é que escolhem seus donos e agora acredito. Durante minhas caminhadas noturnas pelas imediações do bar, Jack segue ao meu lado ronronando. Ouriça os cachorros da vizinhança ao caminhar pelas estreitas superfícies dos muros e pular cercas enquanto eu vou pela calçada. Às vezes me pego caminhando lentamente para não chamar atenção dos cães e aumentar o alvoroço, mas aí me dou conta que, para eles, sequer sou sombra - espírito maldito vagando eternamente sozinho na escuridão.

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

Leni Zilioto
É natural de Guaporé-RS. Residiu em Passo Fundo-RS, em Serafina Corrêa-RS e em Nova Mutum-MT. Atualmente, reside em Sinop-MT. É mestre em Gestão e Auditoria Ambiental e especialista em Educação Ambiental e em EaD. É bióloga, palestrante e escritora, com doze obras publicadas e várias participações em coletâneas. É curadora para exposições e coordenadora de projetos em audiovisual. Membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras. Recebeu duas "Moções de Aplauso" e a "Comenda Colonizador Ênio Pepino" da Casa Legislativa de Sinop, e o título de "Cidadã Mato-grossense" da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, pela contribuição das suas obras à leitura, à literatura e à cultura mato-grossense.

MINUANO

Você quer saber o que
estou vestindo,
o que fiz durante o dia.
Você me diz: Cuidado!

Um caminho florido.
Com você...

Um tempo.
Tranquilo, brincalhão.
Propostas verdes, águas, você.
Eu sou seu dia.

Banho azul, fotografia do dia.
Nós.

Entreguei-me ao sono, aos sonhos,
na preguiça do sol,
com o convite da lua, para ser sua.
Um jantar doce, ver-
melho, iluminado.

Amanhã? Sabores molha-
dos e cabelos ao vento.
Um voo.

Cuidado.
Cuida meu sono, Minuano!
Amo você.

MEMÓRIA

Vivemos dos brancos,
apagados,
corruptados
da memória nossa
e alheia.
De flocos estagnados,
em solo escorregadio
nas montanhas,
o barro deflagra
passos em falso,
derrapadas,
rostos
lágrimas
espirros
que cruzam
faces.
Branco, barro,
profundo desalinho -
memória
viva
colisão -
invenção.

Lívia Bertges
(1987, Juiz de Fora – MG) É doutoranda em Estudos Literários (UFMT) com estágio sanduíche na Sorbonne Université (Paris, França). É mestra em Estudos Literários (UFMT) e em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É editora da revista literária Ruído Manifesto.

PAPAI NOEL

vivo um inferno
todos os anos
no tempo dezembro.
coisa de nós, humanos,
nascidos em mês derradeiro.

não quero festa
nem repetitivos votos.
e como num protesto
vão meus rabiscos tortos
estupradores do papel branco.

depois de lorenzo
tenho jesus no nome:
não preciso, não me benzo,
jamais vou morrer de fome.

acho que papai noel
é meu são francisco de assis:
valente, dele fiz,
uma brincadeira de papel.

OXALÁ

milho torrado e socado
no rabo fofo
deste ano ultrapassado.
assim escrevo e sofro!

venho passando de ano
desde o jardim da infância,
mas 2019 foi uma infâmia:
o ano é que me passou a perna.

uma rasteira braba,
tropicões, tombos
e a minha asa quebrada:
2019, um ano de assombros.

daqui a pouco
é ver pra crer
num 2020 muito louco
pra ninguém soltar a mão
de ninguém!

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

Oscar Araripe
Artista Convidado

BIOGRAFIA

OSCAR ARARIPE (OSCAR DE ALENCAR ARARIPE FERREIRA) – RIO, RJ, 19 DE JULHO DE 1941.

Bacharel em 1980 pela Faculdade Nacional de Direito, ex-diretor do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO), foi suspenso e teve sua diretoria cassada, em 1964. Em 2016 teve seu mandato e de seus colegas devolvido simbolicamente em sessão solene no Salão Nobre da FND, em evento organizado pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade Nacional de Direito.

Oscar Araripe, aos 78 anos, é um dos artistas mais consagrados e renomados do Brasil. É pintor profissional e desenhista, escritor, ensaísta, crítico e teórico de Arte e Cultura, arte-educador, periodista e animador cultural.

Ganhou bolsa de estudos na Universidade de Harvard, USA, em 1966 e 1968, e na Universidade Pro-Deo, de Roma, em 1969.

Publicou a trilogia literária, Maria, Marta e Eu, alentada prosa com mais de 500 páginas (Editora Rocco, Rio, 1975 / Editora Marco Zero, Rio, 1986), analisada criticamente por Antônio Houaiss, Eduardo Portela e José Paulo Moreira da Fonseca -, e o ensaio China, o Pragmatismo Possível, Editora Artenova, 1974, alcançando grande sucesso. Sobre sua trilogia literária, assim escreveu Marcelo Rubens Paiva, na Revista Veja, em agosto de 1983: "Uma carta de amor à natureza e, sobretudo, às mulheres". De fato, sua narrativa, poeticamente, já no início dos anos 80, pugna pelo respeito à natureza e pela valorização das mulheres, em todos seus aspectos.

Jornalista cultural no Correio da Manhã, Jornal do Brasil e Última Hora, editou, com Augusto Rodrigues, o jornal Arte e Educação.

É membro fundador da INSEA (1974), a Sociedade Internacional de Educação Através da Arte.

Autodidata, introduziu na Pintura a vela náutica de poliéster como suporte (1984), o film laser (como substituto do papel vegetal, onde também inovou) e desenvolveu técnicas próprias, como as transparências obtidas pelas pinturas por trás dos suportes, o uso dos markers e da aquarela acrílica. Tais inovações permitiram-lhe, inclusive, expor permanentemente ao ar-livre grandes telas, com estruturas de ferro como moldura, levando a arte da pintura às grandes multidões. Sua obra Extinção Nunca Mais, por exemplo, exposta durante a Conferência das Nações Unidas, Eco-92, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, atingiu público estimado de dois milhões.

Para se ter tenha uma ideia da importância da introdução da vela nautica poliester e do film laser, diga-se que em toda a história universal da Pintura foram usados apenas 6 suportes, a saber: a pedra, a parede, a madeira, o papel, o vidro/porcelana ou cerâmica e a tela de linho ou algodão. Araripe introduziu, assim, comprovado e pioneiramente, mais dois novos suportes à Pintura. Some-se a isto a grande durabilidade e beleza da vela náutica poliéster e do film laser, o fato de não contraírem fungos nem provocarem craquelê e ainda permitirem exposições permanentes ao ar-livre, levando a arte da Pintura à centena de milhares de pessoas, e constata-se a grande contribuição do artista à arte da Pintura.

Recentemente, em abril de 2019, além de realizar palestra e quatro exposições, a convite, na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, Araripe realizou workshop com os alunos de arte daquela importante instituição sobre como pintar na vela náutica poliéster. Por dar um destino nobre a este material, teve o apoio e o reconhecimento de seu pioneirismo pela Dimension Polyant, a maior fabricante de velas náuticas do mundo.

Vale destacar aqui o depoimento do próprio artista sobre seu autodidatismo na Pintura: "Na década de 1940, eram raras as imagens, principalmente de pinturas. Os mais belos quadros, portanto, eu vi nas histórias em quadrinhos. Aprendi minhas pinceladas fazendo e soltando pipas. Minha imaginação nasceu com o Carnaval do Rio de Janeiro, com os balões de São João dos subúrbios cariocas e com as bolas-de-gude da minha infância, no bairro proletário do Encantado, onde, menino, sonhador, via universos coloridos em "olhinhos" de vidro, girando como um pião, e que eu podia jogar e quebrar, com toda a destreza e vigor".

Pintor de flores, paisagista, marinista, realista e subjetivo, possui vasta obra, em fase de catalogação pela Fundação que leva seu nome. Sua obra de pintura e desenho, inovadora, alegre e vivaz, mereceu a atenção crítica de Frederico de Moraes, Pierre Santos, Sérgio Paulo Rouanet, Jean Boghici, Luiz Galdino, Mário Margutti, Milton Ribeiro, Fernando Lemos, Alberto Beuttenmuller, Tertuliano dos Passos, Marylka Mendes, Wilson Lima, José Roberto Teixeira Leite, Oscar D'Ambrosio, Enock Sacramento, Antônio Ceschin e Jacob Klintowitz, entre outros. A destacar-se ainda sua obra Os Pilares, de 1.200 imagens, e seus bicos-de-pena sobre Tiradentes e São João Del Rei, Ouro Preto, Bahia e Ceará, assim como seus eróticos, de grande pureza, e seus cobiçados jarros de flores, de grande alegria e frescor. Recentemente vem apresentando suas Iluminuras florais e paisagísticas sobre o film laser, muito apreciadas também. Retratou três heróis brasileiros: Tiradentes, Bárbara de Alencar e Tristão Araripe, os dois últimos seus parentes.

É citado na Bibliografia do Grande Dicionário Aurélio e verbete na Enciclopédia da Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho. Figura na Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais.

Realizou quase uma centena de exposições, majoritariamente individuais, no Rio, em Minas, na Bahia, em Brasília, no Ceará e em São Paulo. Expôs nos Estados Unidos, França, Espanha, Eslovênia, Grécia, Cuba, Reino Unido, China e México. Possui galeria pessoal em Tiradentes desde 92, e é instituidor, com outros, da Fundação Oscar Araripe / www.oafundacao.org.br

Presentemente escreve Minha Vida de Pintor, que disponibiliza em seu site www.oscarararipe.com.br, onde apresenta suas ideias sobre a pintura, a literatura e a vida em geral. Através de seu site realiza regularmente, e gratuitamente, há mais de trinta anos, oficinas de pintura com crianças (Arte para Salas de Aulas) de escolas públicas e privadas de todo o país. Seu site recebeu a visita, aferida, desde 1999, de mais de 10 milhões de pessoas.

Em 2010 expõe na Bienal de Chapingo, no México e seu mural Flores para o Rei-Poeta Netzahualcóyotl é entronizado em caráter definitivo no Centro de Formação Artística e Cultural da Universidade Federal Chapingo, ao lado da bela capela pintada por Diego Rivera.

Em 2011 expõe Flores na Galeria Manuel Bandeira da Academia Brasileira de Letras, no Rio, apresentado por Sergio Rouanet e Alexei Bueno -, e publica o artbook Oscar Araripe: capa dura, 030x030cm, bilingue, 348 páginas, com cerca de quatrocentas imagens, textos do autor e fragmentos críticos de renomados críticos e intelectuais brasileiros e estrangeiros. Ainda em 2011 é entrevistado por George Vidor e Guto Abranches na Globo News, com audiência aferida de cerca de 60 milhões de pessoas. Realiza ainda, com Sergio Rouanet, palestra na Academia Brasileira de Letras sobre o Centenário do grande crítico literário Tristão de Alencar Araripe Jr.

Ainda em 2012 é convidado pelo Ministério da Cultura da China e pelo Comitê Olímpico Internacional para expor na Creatives Cities / Olympic Fine Arts2012London, no Barbican Center / Museu de Londres, Inglaterra, onde lança seu artbook internacionalmente, e ganha Medalha de Ouro com sua tela As Flores abraçam o Mundo. A obra premiada passa a figurar no Forever Memorial das Olimpíadas, em Londres.

A 11 de abril de 2013 inaugura a exposição Flore na Galerie Teodora, em Paris, França. Entre os presentes, Jack Lang, Ministro da Cultura da França, no governo de François Mitterand.

Em 2014 passa a expor permanentemente na Galerie des Glaces, em Nantes, França; é agraciado com o conjunto de medalhas Pedro Ernesto, maior honraria do Município do Rio de Janeiro e ganha Prêmio de Aquisição na 1ª Bienal das Artes, de Brasília, DF, com a obra Flores com Borboletas.

Ainda em 2014 recebe, em Paris, a centenária Medalha de Ouro Arts, Science et Lettres, uma das maiores condecorações da França e a Medalha Cidade de Buenos Aires, ofertada pela administração local.

Em 2016, ganha o Prêmio de Aquisição na exposição Aomei Fine Arts Exhibition, no Museu Histórico Nacional, exposição oficial das Olimpíadas Rio-2016, organizada por várias entidades culturais chinesas e russas. Na ocasião profere palestra sobre as relações culturais Brasil-China.

Cidadão Honorário de Tiradentes, MG, onde mora e tem estúdio desde 1990, é fundador do Instituto da Liberdade Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes e da Academia de Letras Jurídicas de São João Del Rei e Tiradentes.

Seu díptico Tiradentes, o Animoso Alferes (3 metros de altura por 3 metros de largura), pintado para o Bicentenário da Morte do Herói, em 1992, foi exposto no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, no Museu Mineiro, em Belo Horizonte, no Museu da República, no Rio, no Fórum de Tiradentes, MG, na Praça Tiradentes, em São João Del Rei, MG, na Universidade Federal de São João Del Rei, MG, na Câmara de Mariana, MG e na Fundação Oscar Araripe, em Tiradentes, sendo uma das imagens mais conhecidas do mártir.

Araripe recebeu ainda a Medalha Tiradentes, maior honraria do Legislativo fluminense e o título de Cidadão Honorário de Minas Gerais, em bela e significativa solenidade no plenário da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Seu mural Tiradentes, o Animoso Alferes (versão Rio) foi entronizado em caráter definitivo na Faculdade Nacional de Direito, por ocasião do centenário do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO), em comemoração ao Dia Nacional da Liberdade, a 12 de novembro, data do batismo e nascimento do herói. Nesta oportunidade foi agraciado com o Diploma e a Medalha da Comenda da Resistência Cidadã, da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade Nacional de Direito da UFRJ.

Em 2017 Seu painel Tiradentes, o Animoso Alferes, versão Ouro Preto, é entronizado no hall principal da nova sede do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Na ocasião a Memória do Judiciário publica o catálogo Oscar Araripe e a Confraria Filmes produz o documentário Os Tiradentes de Oscar Araripe. O rosto do herói figura numa das faces da Medalha da Comenda da Resistência Cidadã, ofertada anualmente no Salão Nobre da Faculdade Nacional de Direito pela Alumni-FND em parceria com a Fundação Oscar Araripe e apoio de significativas entidades do Direito e da Justiça.

Ainda em 2017 recebe a Medalha da Comenda Lyda Monteiro da Silva, da CAA Vanguarda / OAB-MG e participa da exposição #ArteLiberdade na Fachada Digital da UFMG, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, e depois em Atenas, Grécia, em evento patrocinado pela Embaixada do Brasil local.

Oscar Araripe é Diretor Cultural da Associação dos Antigos Alunos de Direito da UFRJ - Alumni /FND e da Artes, Ciências e Letras / Sociedade Acadêmica de Incentivo à Educação Jurídica e Republicana de São João Del Rei e Tiradentes e Conselheiro Emérito do Conselho de Minerva da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ.

Em 2018 é homenageado pela Bienal das Artes de Brasília como Convidado de Honra, e expõe O Brasil Nunca Mais o Brasil.

Em julho ganha o título de Cidadão Honorário de Ouro Preto, cidade histórica Patrimônio da Humanidade.

Em abril deste ano, a convite, expõe Flores para Harvard no Harvard Science Center, no Massachusetts Institute of Technology, no Art Studio da Leverett House e no Harvard Club de Boston. Realiza palestra no Theatre Auditorium da Leverett House e realiza workshop com os alunos de arte de Harvard sobre como pintar na vela náutica e no film laser. O mais tradicional e importante jornal de Harvard, o Harvard Crimson, publicou com destaque entrevista com Oscar Araripe: https://www.thecrimson.com/article/2019/4/12/leverett-art-exhibit/

Setembro de 2019

Contato: 32 98876 1148 e 32 3355 1148

Mais informações: www.oscarararipe.com.br / www.oafundacao.org.br

Facebook: Oscar Araripe

OSCAR ARARIPE: IMAGEM E SILÊNCIO

Quando conheci Oscar Araripe que entrou devagarinho em meu espaço familiar nos idos de 70 na efervescente IPANEMA meu pai GERVÀSIO LEITE de pronto vaticinou: "Aí está um cidadão que ama a LIBERDADE! "

Seu modo de olhar a vida com força, alegria, irreverência e ternura mostravam a têmpera que é a vida do ar – ART(V)ISTA ; pois ele respira amor à arte e trabalha como apontou Merleau-Ponty: *"a visão é o encontro, como numa encruzilhada, de todos os aspectos do ser"* . Assim é a liberdade da pintura de Oscar Araripe que quando inicia seus passos traça figuras com OLHAR desvão, isto é, traz na imagem distorções que seu olhar apreende como corpo do ponto de vista do pintor.

Eis agora um outro olhar com campos de belezas amoráveis. Amoráveis, pois, como ele mesmo enfatizou em entrevista concedida a EDER FONSECA "o tema dos jarros de flores, como eu o concebo, é o mais libertário, pois é somente forma e cor." Amor é isso a entrega sem recados colorindo e dando forma.

Entendo que a arte, a pintura de Oscar Araripe toma da realidade o ver, tocando, sentindo e entendendo o universo floral. A profusão dos coloridos, as diversidades desse mundo da florada estabelece um jeito de apreender diverso e é o pintor quem destaca: *Pintura é imagem, e imagem é silêncio, daí uma pintura que seja forma e cor ser mais pintura, pois é mais silenciosa. "*

É isto que me faz admirar no íntimo o silêncio da obra pois ela é o homem que cria submetido apenas à visão interna pois Oscar Araripe é o homem-arte irredutível. Arte é o que fala mais alto é a arte que salva o social. Penso que olhar as flores de hoje não é mais o material que vê, mas sim o olhar do SER Oscar.

A elaboração de seu material desde sempre mostra inovação pinta em vela náutica oceânica de poliéster. Aqui está o que em certo sentido incomodou críticos: a possibilidade de ser inovador plantando tema com coragem e destemor. Remou contra a corrente e conseguiu vencer pois sua proposta redimensiona o Natural.

Eis o valor das telas de Araripe, ela se institui no terreno fértil da beleza das flores, onde se encontra a sólida força, resistindo a mudança histórica, pois assim plantada, instituída, a obra resiste às diferenças. É então que a flor renascendo nas telas pintadas advém na dinâmica de sua movimentação e indica a força da natureza. Dentro das fronteiras da obra a natureza rompe as proibições e quaisquer limites. A obra se agiganta ao olhar o mundo das flores: é se deixar olhar tal universo e do mesmo modo ser olhado por ele. Possível dizer que esses olhares, movimentam a gênese de ser e estar no mundo.

E para comemorar a vinda de OSCAR ARARIPE para figurar na PIXÉ como um dos grandes artistas que caminham embelezando e resistindo nosso país dedico meu texto poético que irá figurar em livro que estou construindo: "Silêncio Profundo"

" Alguns silêncios
Balançam as folhas
Envolvem as plantas
E comemoram as flores"

Marília Beatriz de Figueiredo Leite
É professora fundadora da UFMT, adjunta nível IV; mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Ocupa a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras. Publicou O mágico e o olho que vê (Edufmt, 1982) e De(Sign)Ação: arquigrafia do prazer (Annablume, 1993) e Viver de Véspera (Carlini e Caniato, 2018).

CENTRO EM MOVIMENTO

Você bem sabe que
Quem acha procurou
Mas a real é que
A gente
Essa nossa gente
Essa gente-eu-vc
É feita pra
Não parar
Não parar
Nem sonhar de tê hora pra acabar
Essa gente que tintura o cabelo
Coloca lentes nos dentes
Que aparenta mas não é
Que sua desde o amanhecer
É feita pra não parar
Sob o efeito da transferência
enérgica contínua
um corpo
pro outro
parte uma
pra parte outra
doce troca de temperaturas
tem uma ambulante se queixando sem parar
tem prefeito com paletó cheio de dinheiro impune
tem inelegível que continua no poder
até parece dramaturgia
mas nessa cidade nada é ficcão
além do vagão que nunca chegou
da verba que foi pra bolsa da mulher
tudo é pura realidade derretida

na armação dos dias
ganhados e perdidos daqui
Não parar
Não parar
o agrotóxico encomendado
pelo ar chega
desenha sua fábula
à risca
nos trilhos
sangue quente pelo chão
dessa nossa obrigatória narrativa
tem um artista louco pelas ruelas
que sempre prossegue
tem casarões em abstinência de vida
Sob o sol de estanho
Alado da capital mato-grossense
Sob o som dos comboios
Alucinantes na cabeça
Sob a sinfonia divertida
da louca passagem dos carros
o saracutiar até a orêia do aviões
pelo vento tristonho
gurizada geral acostumada
com rufagens mil
acostumada a corrê duro
estranha à solidão da própria companhia
nos prédios amontoados do Centro Antigo
Que teimam também em não cair
Que insistem em procurar
Como o que resta pra essa nossa gente...

Lucas Lemos
É nascido em Juína-MT. Fotógrafo, acadêmico de Letras na UFMT, ator e diretor no Cena Livre de Teatro. Lançou de forma independente, em 2019, seu primeiro livro de poesias, “Nossa Alegria Triste”.

ANUNCIAÇÃO

Dezembro está no meio de nós
Faz calor e de hora em hora
uma chuva ali, outra aqui
Pesadas nuvens
ar abafadiço e certo rumorejo
(na tangência de mais um Natal)

No centro de minha sala está
a árvore que plantei, desseivada e sintética
Sem insetos, nem passarinhos
Suas folhas não se voltam para o sol lá fora
As flores vermelhas são de seda
não arremessam pólen ao vento
(resistentes flores que as abelhas enjeitam)
Em lugar de pomos complexos e carnosos
como a pera, a maçã ou o marmelo,
estão as tradicionais bolas de vidro soprado
recobertas por películas de ouro e prata
Debaixo dessa árvore, pouco frondosa (a bem dizer)
entre as pequenas imagens do presépio
esparramei o que vem de mim – em meu auxílio
Uma coisa silenciosa, e que não acaba nunca
Assim, assim – tão, tão como o tempo.

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

FLOR ENCANTADA NO REINO DO SOL VERMELHO

A flor do cerrado só desabrocha em seu espaço natural. Ela se dá, aberta, em cor, na ramagem sobre o chão do cerrado. À medida que vão sendo exterminados os cerrados, elas morrem com eles. A Natureza é forte. Mas não consegue ser recuperada na dilaceração de um urbanismo mecanicista e selvagem! A flor do cerrado irrompe por entre a ramagem com sua linguagem de cor e harmonia. Sua cor dourada assegura o conjunto de pétalas como carne viva vegetal, trêmula, que a brisa faz dançar com as folhas. Vida que substancia a vida com ímpeto e canção brotada da terra. No seu colo amarelo estão os pólens onde a abelha ou a borboleta vai levando de um lado para outro até pousar em um novo rosto colorido e perfumado. Brotação vital desse útero que perpetua a espécie. O sol, que explode calor e brilho, cobre-a com seu abraço poderoso. Ela delicadamente surge por entre a manhã e adormece no anoitecer, na primavera. A flor miúda, balança sutilmente, em seu sono quieto. Fica colorindo mansamente o lugar, como um poema mudo da existência natural. Até quando ela irá durar ali, no canto daquele jardim, onde a modernidade urbana expulsa, friamente a simplicidade dessas flores?

Marilza Ribeiro
Nasceu em Cuiabá, em 27 de março de 1934. Graduou-se em Psicologia, pela Faculdade de Ciências e Letras São Marcos, em São Paulo - SP. Foi presidente da Associação de Mulheres de Mato Grosso. É escritora e desenhista. Foi homenageada na Literamérica (2006), em Cuiabá-MT. Diversas vezes premiada, publicou seis livros de poesia e possui mais cinco inéditos.

Marli Walker
É poeta e professora (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso). Integra o Mulherio das Letras/MT - Coletivo Maria Taquara. Publicou os livros de poemas "Pó de serra" (2006), "Águas de encantação" (2009) e em 2016 lançou "Apesar do amor", selecionado pelo MEC para o PNLD.

ABISMO

não pare o carro no Portão do Inferno
(uma voz antiga aconselha)
rodovia estreita
curva acentuada (em 90 graus)

aguço os cinco sentidos
posso engolir em seco
o cheiro ocre do susto
umbral de pedra abocanhando o mundo
ouço o crocitar do corvo em pleno voo
ave de rapina que me olha há milênios
(somos imagem e semelhança)

retomo a rota
seguro firme o volante
e contemplo a minha paisagem

(o
meu
abismo
é
sempre
mais
profundo)

PRIMEIRO

O que vale um poema

O que vale um poema
menos que uma greve menos
que o operário menos
do que um grito menos
do que a fala menos
do que um braço menos
que um poema vale um poema bem menos
mais vale um cão vivo
e (quem sabe?) uma república.

MANHÃ

a –
Notícias da manhã
informam que o tempo, de
fato, passou,
e que a noite foi só uma
de fato.

b –
O dorso arrebentado do sol,
surge o dia.

c –
A manhã ruge
nos dentes das árvores.

O JOVEM RECEBIA TUDO O QUE QUISESSE LEVAR

"Este era o prazo para o tratamento de beleza: seis meses à base de óleo de mirra e outros seis meses com vários bálsamos e cremes. Quando chegava o tempo de apresentar-se ao rei, a jovem recebia tudo o que quisesse levar do harém para o palácio real." – Ester 2:12-13

A mirra que passa da mão do amado à m
ão de seu amado passa
limpa a mirra limpa e limpo o amor
limpos os amados de carne apont
ada apontada carne dos amados
limpo o morno breu
limpo o morno breu
onde cartografam o corpo um do outro.

Matheus Guménin Barreto
(1992-) é poeta e tradutor mato-grossense. É autor dos livros de poemas ***A máquina de carregar nadas*** (7Letras, 2017) e ***Poemas em torno do chão & Primeiros poemas*** (Carlini & Caniato, 2018). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg e na Universidade de Leipzig. Encontram-se poemas seus no Brasil, na Espanha e em Portugal (Revista Cult, Escamandro, plaquete "Vozes, Versos", Gueto, Palavra Comum e Diário de Cuiabá; entre outros), e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne.

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

SAUDADE

(em caixa alta como um grito)

Um gosto acre na boca
Um gesto ocre no coração.

A FLAUTA E A VÉRTEBRA

Há uma foice sobre a penteadeira
Há um esmeril em meu bolso.
Há duas formas que se batem
Como o chão e o corpo que cai.

Dois gestos unívocos
Como o olho e a flecha
Como o verme e a fruta
Que não se olham e não se veem diante da luz.

Feito as presas de um lobo
Feito o pescoço de uma lebre
Dois Astros que orbitam a mesma cegueira
(filhos negros de uma mãe albina)
A Flauta e a Vértebra em meu próprio verso.
Não vês?

DA JANELA, EU SÓ VEJO PEDRA

tudo que peso é dor nas costas
e o vento batendo na porta
é alívio e óbito dos livros
porque tudo que somos é o peso
do mundo e nada nos livra
de carregar em todos os cantos
os tangos de todas as valsas
e tantas danças mistério
das narrativas em que olho e
te espero
nas ondas de mares e rádios
para te falar do prédio no espelho
a receber luz de manhã cedo
de cada canto de céu arranhado
das manhãs revoadas sem medo

Raí Prado Morgado
(Caraguatatuba, 1999) é estudante de Gestão Ambiental da ESALQ/USP, em Piracicaba, e escritor responsável pelo Sob o Silêncio, projeto literário com mais de 50 mil seguidores. Expõe e vende itens artesanais do projeto em eventos culturais pelo estado de São Paulo, e tem poemas publicados pela revistas Subversa, Vício Velho, Mallarmargens e Ruído Manifesto, no Brasil, e pelo coletivo MásPoesia, na Argentina.

Raquel Naveira
É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul--Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

CARROCEIRO

O carroceiro,
Homem-cavalo,
Puxa a carroça pela rua;
Será que dá dinheiro
Esse monturo de plásticos,
Papeis,
Cacos
E sucatas?

O carroceiro,
Cavalo-homem,
Chafurdou lixeiras,
Caçambas,
Em busca de metais,
Latas,
Restos de carros alegóricos,
Criou um mundo brasileiro
Que carrega às suas costas.

Lá vai o carroceiro,
Trotando,
Subindo ladeira,
Passando entre os carros;
Os olhos ardem,
O estômago pesa,
Engole fumaça,
Tudo nebuloso
Em meio ao chuvisqueiro.

Lá vai o carroceiro:
Bermuda,
Boné,
Camisa xadrez
Colada ao corpo;
Mal-estar
De viver assim,
Preso por ferros
A uma carroça,
Seu cativeiro.

Lá vai o carroceiro:
Dor nas pernas,
Nos joelhos,
Caminha rumo à favela,
Cortada por trilhos,
O trem passa,
As garrafas tremem,
Seu destino é de andadeiro.

Lá vai o carroceiro:
Empapado de suor
E gotas de esperança,
Logo virá a noite,
Quente,
Cheia de mosquitos
E sonhos de cachaceiro.

Lá vai o carroceiro,
Entre os entulhos
Esconde a faca,
A foice,
Porque há de se defender
Dos roubos,
Das armadilhas
Dos embusteiros.

Lá vai o carroceiro,
Disputa espaço
Entre as buzinas e as guinadas,
Ouve estranhas risadas
Que sobem dos bueiros.

Lá vai o carroceiro
Entre luzes
E gases,
O cheiro é acre
E escorre óleo no aguadeiro.

Alguém quase o atropela,
Xinga-o de maconheiro,
Ele cospe saliva verde,
Rumina a tristeza:
De quem será herdeiro?
Do homem?
Do cavalo?
Do tráfico negreiro?

Puxa carroça,
O carroceiro.

MEU MÉTODO DE LEITURA

Parto do princípio que o autor é vivo e desconhecido do meio literário. Escolho dele o poema que me magnetiza. A arte de perder de Elizabeth Bishop tem essa qualidade. Leio o poema muitas vezes. Questiono a função do estribilho – A arte de perder não é nenhum mistério. Reescrevo o poema sem ele. Observo o resultado. Reviso o que acabei de fazer mantendo a frase apenas na primeira e última linha. Lendo e relendo resolvo recuperar a versão original. Leio em voz alta. Mudo palavras. Subverto a ordem dos fatos. Coloco – o relógio de mamãe entre vírgulas logo depois de – chave perdida. Não há limites à minha ousadia. Estrago a obra à vontade. A cada transgressão minha adesão ao poema cresce. A beleza da linguagem seduz. É simples, direta, objetiva. É como se Elizabeth apresentasse o seu poema a um pequeno grupo de amigos no Bar Brahma. Sua voz é clara com leves oscilações da emoção que resvala o ritmo da leitura. Ouvimos, relaxados, o timbre dessa mulher tão próxima. Chegamos a esquecer a grandiosidade do tema. E note que Bishop toca em – uma permanência no mundo (Carpeaux). A abordagem é subversiva. A vida não é um mar de rosas. Viver é adquirir perdas e normalizá-las. Quem não perdeu uma casa, um bairro ou um país inteiro? E com o suporte da perda, seus protagonistas e, não raro, sua história. Gente de carne e osso perdida. E o vazio, incomensurável, remanescente. Perde-se tudo, a poeta nos diz, até mesmo o amor. A abordagem coloquial edifica uma tragédia na brevidade de um poema de pouca extensão. Sinto-a subitamente fria. Lúcida. Perder, seja o que for, não é nada sério. Aceita-se o irrevogável. Ergue-se a cabeça. Segue-se em frente. É uma exigência da vida. A própria força do acidente, qualquer que seja a sua proporção, se escoa nos afazeres do dia a dia. O esquecimento é o sudário dos mortos (Sand). Então não faça uma tempestade num copo d'água. Considere. Até mesmo a morte, convenhamos – não é nenhum mistério.

Ricardo Carranza
São Paulo, 1953. É arquiteto e Urbanista, Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas, Escritor, Editor, Pintor. Publicações – Scortecci, Sesc, Cult, Clesi, Zunái, Stéphanos, Germina, Cult, Mallarmargens, Cronópios, O arquivo de Renato Suttana, Triplov, & Escritas. org., Gueto, Ruído Manifesto. Livros de Poesia: Sexteto, Edição do Autor, SP, 2010; A Flor Empírica, Edição do Autor, SP, 2011; Dramas, G&C, São Paulo, 2012. Centelha de Inverno, G&C, São Paulo, 2019. Artigos e Ensaios in http://revista5.arquitetonica.com/ desde 2005.

Rodrigo Maciel Meloni
É um escritor/jornalista cujo trabalho já apareceu na Veja, Globo e UOL e diversas outras publicações. Ele é o autor do livro "Pobre do homem cujos desejos dependem", e responsável por produtos jornalísticos como Vidas Transformadas e Be Gay, NO Way. Contribui regularmente escrevendo poemas para a Revista Literária Pixé.

AOS PÉS DE UMA ANTIGA MONTANHA PERCEBI QUE EU ERA ALGO MEU

Meu, meu.

Eu era meu.

Tanto tempo para perceber isso, que tempo já não havia mais. As rugas tinham se espalhado pelas linhas do meu cobertor-pele, como raio queima chão quando nele se espatifa. As marcas de tudo que eu já passara na vida, faziam parte da identidade do meu semblante. Cada cravo, corte, cicatriz, ruga...tudo me fazia ser espelho daquela montanha, antiga montanha.

Montanha cortada pelo vento frio, rasgada pela chuva afoita, resfriada pelo gelo, aquecida pelo sol. Montanha sofrida, montanha forte.

Percebi tanto eu naquela montanha. Ela, apesar de ser espinha da Terra, era algo só dela. Ela é mais ela. Ela e mais ninguém. Uma montanha consigo, sem mais. Um sentimento grosso me conectava àquele amontoado de pedra, humor, terra e dispor.

A imensidão de se descobrir, e de se cobrir de um novo sentido, me fazia próximo e amigo da montanha-amiga. Pensei que ela sorria em minha direção, feliz por minha descoberta. "Mas montanhas não riem", logo pensei, para em seguida ser aterrorizado por um largo e profundo gargalhar emitido por aquele ente.

A montanha, como quem quisesse acalmar a formiga que era eu, me contou um pouco de si. Tinha 7.932 anos. Já fora casada com um vulcão, com quem tivera três pequenos montinhos, hoje todos crescidos, senhores montanhas, de terno e gravata, prontos para orgulhar o sistema.

Me contou tudo que vira em sua longa jornada. Suas viagens, suas destemperanças, seus amores. Eu, que tinha recém acabado de me descobrir meu, agora conversava com uma montanha. Pacata montanha.

xxxxxxxx

Eu e montanha, flutuando num espaço comum, preso à terra via brutos sonhos mortos.

Eu e eu, um perdido que acabara de descobrir que era propriedade sua.

A montanha, a me observar, uma pouca e pequena porção de massa chamada 'humano'.

VIRANDO A PÁGIINA

O café mais parecia um espaço coletivo de escritório: bancadas sem nenhum adorno, bancos longos com aparência desconfortável e múltiplas tomadas. Então Amanda pensou melhor: aquilo não era um café. Sentia o cheiro forte da bebida, mas não havia balcão, movimento, doces e nenhum cliente além dela. Ouviu um som familiar. Alguém digitando no celular com o irritante som das teclas ligado. Olhou em volta. Bem no fundo, um senhor de cabelos brancos e paletó ria com um celular em mãos. Uma xícara grande descansava ao seu lado. Ele podia ter 70 anos ou 50, era difícil saber. Ela aproximou-se e, tão logo foi notada, o senhor estendeu as mãos.

— Ah, querida! — ele disse, dando a volta na escrivaninha e abraçando-a. — Senta, senta.

E, com cortesia, indicou a cadeira. Confusa, Amanda obedeceu. O senhor então voltou ao seu lugar e, de rabo de olho, verificou o celular e riu. Fosse lá com quem estivesse conversando, a troca de mensagens estava interessante.

— Então — ele disse, juntando as mãos e inclinando-se para frente com um sorriso divertido no rosto. Não disse mais nada. Quanto mais o silêncio se prolongava, mais ele se divertia.

— Então? — arriscou Amanda.

Isso só fez com que o velho desatasse a rir.

— Nada ainda? Nadica de nada? É realmente impressionante.

Sem explicar, ele tirou um livro da gaveta. Olhando melhor, Amanda notou que era um caderno de capa preta com muitas páginas. O velho lhe entregou o caderno.

— Página 575.

Com a testa enrugada e um mal pressentimento, Amanda abriu na página 575. ***O dia amanheceu chovendo, mas quando Amanda saiu de casa, a neblina substituiu a chuva.***

Tão logo leu a passagem, Amanda viu-se em pé numa rua cheia de poças e pessoas transitando cabisbaixas, algumas ainda empunhando guarda-chuvas. Ela esperava o semáforo abrir caminho, uma multidão impaciente em sua volta. Conseguia ouvir o som de água corrente: virando-se, notou uma ponte com um rio violento embaixo.

Durou um mero segundo, mas teve certeza da sua visão: alguém, não conseguia dizer se homem ou mulher, vestindo uma capa de chuva rosa-chumbo, subiu no parapeito, inclinando-se precariamente entre a calçada e a queda. Amanda sentiu o estômago afundar, acrescentando um peso desnecessário às pernas. O semáforo abriu e as pessoas passavam por ela com pressa, alheias ao que acontecia do outro lado. Com uma resolução de última hora, Amanda dirigiu-se ao suicída bem no momento em que um casal o puxou cada um por um braço, caindo os três na calçada. Uma roda formou-se, com várias espectadores empunhando celular e expressões incrédulas (e divertidas). Amanda suspirou, aliviada. Observou por um momento, garantindo que não havia nada que pudesse fazer. Tudo sob controle. Ao virar-se, viu o semáforo na contagem regressiva para fechar de novo. Amarelo. Amanda correu e, ao chegar no meio da faixa de pedestre, ouviu uma buzina, pneus cantando e um baque opaco. Foi tudo.

O café mais parecia um espaço coletivo de escritório: bancadas sem nenhum adorno, bancos longos com aparência desconfortável e múltiplas tomadas. O único barulho vinha dos fundos, onde um velho de paletó digitava em um celular, rindo a cada bipe indicando resposta. Ele almoçava na escrivaninha: um sanduíche com molho laranja e um saco de batatas chips. Amanda aproximou-se e ele, sem lhe dar muita atenção, indicou a cadeira.

— Nada? — ele perguntou, sem tirar os olhos do telefone.

Amanda balançou a cabeça, confusa com aquele espaço amplo e vazio. O velho riu e mordeu o sanduíche. Então, tirou um caderno grosso de dentro da gaveta e entregou a Amanda.

— Página 576.

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

CREPÚSCULO NO ARPOADOR

corpo que vagueia
pés descalços
areia

bruma
espuma
mar revolto
falta pouco

pro meu céu
interior
desabar

nu
mar.

Edson Flávio
É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) onde, atualmente, é docente e pesquisador na área de Literatura. Amante da poesia, escreve desde quando ganhou seu primeiro concurso, ainda na escola. Pretende publicar seu primeiro livro em 2019.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

SAÍKISU: AS CRIANÇAS-ESTRELAS

N*ealusu*, um velho Nambiquara, e sua mulher moravam em uma casa longe da aldeia, longe dos demais índios. Eram apenas os dois no meio do cerrado, a cultivar mandioca nas matas ciliares. Ninguém, além dos velhos, possuía mandioca. Isso causava muita revolta nos parentes da aldeia distante.

Inconformados, planejaram roubar mandioca do casal avarento. Na expedição, homens e mulheres encontram um percevejo do mato, apetitosa iguaria presente no cardápio Nambiquara. Como não identificaram ser um disfarce de ***Hayeru***, um espírito maléfico, levaram para comer com beiju feito com a farinha de mandioca dos velhos. Mal sabiam que ao chegar próxima a casa de ***Nealusu*** e sua esposa, seriam mortos e moqueados pelo percevejo do mato.

Na aldeia distante, diante à demora dos homens que foram em busca do tubérculo, outra expedição foi organizada. E, novamente, os homens foram pegos pelo inseto comedor de gentes. Pela segunda, não obtiveram êxito, e pelo mesmo fim foram mortos. Por várias vezes tentaram chegar inutilmente até à aldeia do casal plantador de mandioca. Até que chegou um dia em que não havia mais homens e mulheres adultos na aldeia. Somente crianças.

Primeiro foram as crianças maiores que seguiram os pais. Mas, não escaparam da malvadeza do inseto. Na aldeia, restaram as crianças menores que, desconfiadas do desaparecimento de todos, resolveram não repetir aquele fadário que atingia a todos. Ao invés de integrarem a última expedição, decidiram morar no céu. Foram buscar cipó-escada bem comprido para conseguirem alcançar a lonjura do céu.

E as sete crianças, a caminho do céu, repetiam: – Vamos para o céu! Vamos para o céu! Vamos para o céu! Subiam, subiam, subiam até que viraram estrelas, ***Saíkisu*** ou Plêiades, um punhado de cuias pequenas penduradas em uma cordinha de fibra de tucum do campo.

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA